

# A extensão através do carro-biblioteca

Lígia Maria Moreira Dumont<sup>1</sup>

*Analisa o estado da arte dos programas de carro-biblioteca no panorama internacional e nacional, identificando os três fatores que causaram a revitalização dos serviços do carro: a constatação da mudança de clientela, a possibilidade de adaptação de novas tecnologias ao veículo e por último, sob a ótica da análise custo-benefício, verifica-se que o serviço tem seu custo coberto pelas vantagens, se comparado corretamente a outros serviços bibliotecários. Salienta a importância da integração dos profissionais com a comunidade atendida.*

## 1 Referencial teórico

O carro-biblioteca é uma das formas mais versáteis entre as utilizadas pela biblioteca para atingir populações mais distantes das suas agências centrais ou impossibilitadas de se locomover até elas, com a vantagem de um só veículo poder atender a várias comunidades, em dias alternados de visitas. Sua principal função é iniciar os serviços bibliotecários, como intermediário visando à futura fixação de outros serviços. O carro funciona como um agente que vai suscitar o interesse pela leitura, criando posteriormente uma frente provocativa de demanda de serviços bibliotecários, os quais deveriam ser implantados de forma permanente na comunidade; como, por exemplo, uma biblioteca escolar ou comunitária. A análise da literatura existente sobre carros-biblioteca mostra que do pouco que foi escrito sobre o assunto, a maior parte o foi em países estrangeiros, principalmente no que se refere à sua fundamentação teórica. Mais escassa ainda se torna a literatura recentemente publicada.

A enciclopédia de KENT & LANCOUR (14) traz um longo verbete sobre carro-biblioteca, cuja definição é aqui transcrita: "*O carro-biblioteca é uma*

---

<sup>1</sup> Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG

*biblioteca itinerante que leva livros e serviços bibliotecários aos leitores fora do alcance da agência central à qual pertence*". Descreve vários tipos de carros, desde as suas primeiras manifestações e menciona suas diversas formas, no atendimento a diferentes lugares, determinadas pelas circunstâncias e necessidades: local, clima, densidade populacional, condições econômicas.

Um dos maiores méritos do carro-biblioteca é servir de ponte de mão dupla entre a biblioteca central e um grupo de usuários potenciais. Sua função é introduzir um serviço interino para a fixação posterior de outros serviços bibliotecários, como também uma forma de estender serviços a regiões distantes. EASTWOOD (11) define o carro-biblioteca como "*uma forma de extensão bibliotecária, levando o serviço às pessoas que não têm a iniciativa, tempo, transporte, conhecimento, inclinação, habilidade ou dinheiro para fazer uso da biblioteca central*". A sua maior importância é ter levado o bibliotecário para fora, a encontrar o povo pela primeira vez, ao invés de ficar esperando que o público fosse à biblioteca. O carro ampliou a influência da biblioteca em suprir uma maior parcela da população, especialmente aqueles de baixo nível de leitura, entre eles os idosos e outras minorias. Este é o grande valor do carro-biblioteca: atingir leitores desprivilegiados e, especialmente, leitores marginalizados.

Na bibliografia considerada como relevante ou mesmo clássica sobre extensão bibliotecária, uma afirmação é encontrada praticamente em todas as publicações: a necessidade de se ganhar a confiança das pessoas da localidade que serão atendidas por serviços de extensão bibliotecária e convidar também indivíduos da região para, conjuntamente, coordenar os programas. Dessa forma, inevitavelmente a extensão estará atendendo às reais demandas de necessidade de leitura do local.

BLACK(7) destaca que em determinadas regiões é necessário se "transformar" em pessoa da comunidade: participar de reuniões e trabalhar ativamente com ela para entender seus problemas e pontos de vista. Afirma, inclusive, que o pessoal envolvido em educação de adultos é mais sensível quanto a necessidade de inclusão de serviços de bibliotecas em seus programas.

Para POWELL(16) "*ter o povo usando a biblioteca sempre depende de ter que conhecer o povo*", o que significa onde mora, como vive, o que

come, o que joga, quem são seus heróis e líderes e, o mais importante, como pode a biblioteca ajudá-lo no seu dia-a-dia. Essas questões podem ser respondidas, às vezes, por uma simples e cuidadosa observação. Na mesma linha de pensamento se encontra CHANDLER(8) que afirma ser fundamental a necessidade de se conhecer a comunidade para a sobrevivência do serviço bibliotecário oferecido, principalmente porque a extensão atenderá uma comunidade com problemas sérios de subsistência e de semi-analfabetismo.

LANNA(13) enfatiza que a pessoa humana é um ser que convive com outros seres, em constante diálogo. É, portanto, através da comunicação que se consegue desenvolver a educação. A extensão é um processo dinâmico que visa à mudança. Nesse contexto, a relação comunicativa, isto é, a co-participação entre biblioteca e usuário, torna-a conhecida, usável, útil e inserida no contexto sócio-cultural da comunidade, num movimento de integração e reciprocidade plena.

SILVA (17) faz uma constatação: quanto mais baixo o poder aquisitivo, mais difícil atingir o grau desejado de motivação da leitura. É então necessária uma motivação até mesmo agressiva, obtendo-se assim bons resultados. A programação cultural é muito importante para motivar o uso do carro. A divulgação é feita através de panfletos distribuídos nas paradas do carro, nas bibliotecas, escolas e locais de passagem obrigatória do público.

Entre os serviços de prestação de informações e de lazer através de leitura fornecidos ao público em geral, é o carro-biblioteca que, reconhecidamente, apresenta como uma das maiores vantagens a possibilidade de ser flexível na programação de suas atividades: inicia, interrompe e altera seus serviços, quando necessário. Além disso é do agrado geral, até afetivo de seu público, pois lhe é conveniente, vem à sua porta, é informal e oferece um serviço bem personalizado - o que agrada particularmente seus usuários.

## **2 Estado da arte**

Nas décadas de 70 e 80 houve uma queda expressiva na quantidade de prestação de serviço por carros-biblioteca, tanto no cenário nacional

como no internacional. A crise mundial de combustível - aliada a outros problemas que são inerentes ao veículo e se referem principalmente à limitação da sua capacidade de carga, tanto de pessoal quanto de acervo, à manutenção do veículo e os imprevistos que podem acontecer nos percursos - colocaram em dúvida a operacionalidade desse serviço.

Mas, surpreendentemente, verifica-se uma reviravolta no que parecia ser um fato irreversível: o carro-biblioteca volta, no início da década de 90, e nos países do primeiro mundo, a ser reconhecido como uma das formas mais eficazes de atingir o público leitor, tido como "as minorias mais desprivilegiadas". Alguns fatores, a seguir relatados, são identificados como os causadores do renascimento do carro-biblioteca que, na década de 80, fôra taxado de obsoleto, de "dinossauro".

O marco que provocou uma guinada no futuro do carro-biblioteca foi a 17ª *National Bookmobile Conference*, sediada e organizada pela *State Library of Ohio, Columbus, USA*, em junho de 1992. Naquela ocasião, reuniu-se um grupo intitulado por ANDROS (4) de "ferozes" bibliotecários extensionistas que, inconformados com o rumo que estavam seguindo os programas de carros-biblioteca, principalmente no EUA, convenceram, ao final da conferência que, ao invés de decretar a morte desse serviço, era necessário repensar profundamente os objetivos e funções do serviço, para depois redefinir e traçar novas políticas de ação, adaptadas às exigências dos tempos atuais. Nesse sentido várias ações concretas foram planejadas, desde rever as leis que regulam os serviços de informação em geral, até encontros com pesquisadores, professores, assessores, enfim, todo tipo de profissional ligado à área de informação, visando à reavaliação e às mudanças necessárias que, acreditavam eles, assegurariam o futuro do carro-biblioteca.

A primeira constatação a partir dessa série de reflexões e de ações foi a de que os usuários e, conseqüentemente, suas exigências, tinham mudado bastante. É bom lembrar que o carro-biblioteca começou a funcionar em moldes biblioteconômicos no início deste século, não havendo muita preocupação em repensar e reavaliar sua fundamentação teórica. Prova disso é a escassa literatura sobre o assunto, com maioria dos textos contendo relatos de experiências de serviços implantados no início, com um público quase exclusivamente rural. O carro-biblioteca passa, com o tempo, a servir também a comunidades tidas como minorias

desprivilegiadas, ou seja: idosos, analfabetos (crianças e adultos), pessoas internadas em instituições como creches, hospitais, presídios, casas de deficientes físicos ou mentais. No caso dos Estados Unidos, além de atender a comunidades sócio-economicamente carentes das periferias dos grandes centros urbanos são muito destacados os guetos de imigrantes hispânicos e asiáticos. Vê-se, gradativamente, uma expansão das comunidades às quais o carro passou a atingir, indo mais a reboque dessas demandas, sem preocupar-se muito com a redefinição das suas funções e conceitos e sem verificar a viabilidade de adaptação. O objetivo de se alcançar uma clientela tradicional fora dos limites urbanos, foi ampliado e estudos demográficos começaram a incorporar-se às avaliações de serviço, na intenção de conhecer as necessidades dos não usuários e no esforço de estender o alcance do carro-biblioteca às novas demandas. Pode-se também notar que servir o público escolar não era mais uma das funções primordiais do carro. Ao contrário, o pré-escolar e pessoas que necessitam de cuidados especiais foram ganhando popularidade. Esse tipo de público era anteriormente tido como o alvo dos serviços sociais, não da biblioteca. O fato do carro-biblioteca estar agora servindo um setor muito mais abrangente da comunidade não só ajudou a revivê-lo, mas também mostrou seu sucesso e eficácia frente aos céticos da década passada.

O segundo fator que definitivamente revitaliza o carro-biblioteca é a adaptação, no veículo, de modernas tecnologias de comunicação. Na década de 70, o carro-biblioteca foi questionado pelos profissionais da informação pelo seu gasto de combustível, chegando a ser chamado de "dinossauro bebedor de gasolina". Mas, atualmente, fica comprovado que o combustível representa uma pequena porção dos custos dos programas de extensão. (15). Tal constatação levou os bibliotecários a se darem conta de que aplicações criativas de novas tecnologias poderiam resultar em programas bem sucedidos e relevantes para um público também em constante transformação.

Portanto, comunicação direta com a base fixa do carro-biblioteca via ondas radiofônicas, *online*, telefonia celular e fax mostraram ser tecnologias relativamente fáceis de se adaptarem ao carro e de quebrarem as limitações inerentes ao próprio serviço, ou seja, de só poder informar aquilo que seu acervo e experiência do pessoal do carro possuem no momento. A automação off-line também pode ser utilizada

para os sistemas de circulação. Sua configuração, constando de um scanner de código de barras acoplado a um computador laptop, faz a transação diária, armazenando-a na memória, transferindo-a ao fim do dia para o sistema online principal. (1)

Outros equipamentos, tais como CD-Rom e fotocopiadoras, estão sendo cada vez mais adaptados ao carro, devido ao fato de estarem tornando-se mais fáceis de manusear, com tamanho, preços e custos de manutenção reduzidos. Existem duas alegações básicas, principalmente no Brasil, que podem estar atrasando o emprego, de novas tecnologias - mesmo a título de experiência nas unidades de carro-biblioteca. A primeira é o ceticismo, por parte de alguns profissionais que afirmam não haver mercado para os serviços de referência nos programas de extensão. A segunda é que, na realidade, não desenvolvem muito interesse por equipamentos de natureza "muito delicada", caros e sofisticados.

Dentro dos fatores tidos como os mais importantes na mudança de rumo dos serviços de carro-biblioteca, destaca-se a constatação de que os custos iniciais do veículo, adicionados da aplicação de novas tecnologias podem, à curto prazo, ser recompensados. A relação custo-benefício, quando corretamente comparada à de outros serviços de informação, demonstra claramente essa vantagem (15). O custo de um carro-biblioteca não é insignificante mas, em contrapartida, verifica-se que o serviço está expandindo cada vez mais, atingindo segmentos da comunidade antes não servidos; e esse é o fator que mais pesa na análise de benefícios.

### **3 Considerações finais**

Esse é basicamente o cenário internacional, principalmente no tocante à adaptação de novas tecnologias e a grupos específicos de pessoas atendidas. Mas, no contexto social de um país terceiro-mundista, no qual uma das características populacionais mais marcantes é a grande concentração de pessoas de nível sócio-econômico baixo na periferia de centros urbanos, o carro-biblioteca nunca deixou de desenvolver uma importante função. Desde a sua introdução, o carro-biblioteca no Brasil tem atingido populações periféricas dos grandes centros urbanos, diferentemente dos Estados Unidos que o projetaram com o intuito de

atingir as comunidades rurais. Devido a condições sociais e econômicas diversas, a estrutura das bibliotecas rurais cresceu e, no decorrer deste século, os serviços foram estendidos a instituições, tais como hospitais, escolas especializadas e prisões. Aprimorando cada vez mais o atendimento, foram ampliadas as faixas etárias atendidas e direcionados os programas também para creches e asilos.

O que se observa no Brasil é que praticamente a maior parte da população desconhece qualquer tipo de biblioteca, como também é raramente cultivado o costume ou a tradição da leitura, como forma de lazer ou de obter informações. Milhões de brasileiros adultos nunca leram um livro ou mesmo um jornal. Apesar de ter o carro-biblioteca nacional se apoiado a princípio nos moldes norte-americanos, a escolha do tipo de comunidade a ser atingida foi adaptada à realidade local. Na verdade, o que ocorre é o carro atendendo a todo tipo de leitor, independente da sua escolaridade, faixa etária ou profissão. Não poderia deixar de ser assim, pois o carro estaciona em praça pública, em comunidades que, na maioria das vezes, não possui nenhum serviço de informação, seja a nível de lazer, de apoio ao ensino ou de informações utilitárias. Nessas populações, grande ênfase é dado ao atendimento aos estudantes, devido ao fato de não estarem as bibliotecas escolares atendendo adequadamente às periferias urbanas: a maioria dos estudantes-leitores tem no carro-biblioteca a única fonte de informações como suporte ao estudo. As populações anteriormente citadas como servidas pelos programas de carro-biblioteca norte-americanos, e de outros países desenvolvidos, no Brasil são geralmente atendidas pelos serviços de caixa-estante.

Pode-se concluir que para desenvolver-se um programa efetivo de carro-biblioteca, torna-se necessário, primordialmente, conhecer os usuários em potencial da comunidade que será visitada pelo carro. A equipe encarregada de um programa tem de saber como aproximar-se dessas pessoas, de padrões diferentes daquelas normalmente atendidas pelas bibliotecas fixas. É preciso ir ao local, interrogar, observar, pesquisar. A estratégia de trabalho junto com a comunidade necessita de uma articulação mútua, uma ação integrada, capaz de captar a simpatia daquelas pessoas. É necessário que a equipe do programa de carro-biblioteca se envolva com a comunidade numa série de iniciativas articuladas, conquistando assim a sua cooperação, a sua parceria.

Portanto, a legitimação do trabalho de extensão exige o envolvimento com as comunidades, formadas geralmente por pessoas de variadas faixas etárias e de formações profissionais também diversas, uma realidade bastante diferente daquela dos países adiantados, onde se trabalha com indivíduos unidos por uma forte similitude.

Caso contrário, a atividade extensionista corre o risco de não ser bem sucedida, de não ser legitimada pela comunidade a que serve. Recebendo somente serviços usuais das bibliotecas públicas centrais, certamente os usuários não os identificarão com as suas necessidades. Se as leituras e informações oferecidas não são compatíveis com as suas demandas, não estarão colaborando na qualificação das relações sociais. A leitura adequada e desejada incentiva as práticas leitoras conscientes e valorizadoras dos cidadãos, e estes passam a interagir criticamente com seu contexto. Apesar de alguns limites inerentes ao veículo, o carro-biblioteca só não é bem aceito em uma comunidade quando falta trabalho cooperativo, imaginação, apoio e recursos da instituição que planeja os serviços.

---

#### *The extension through the bookmobiles*

*Analyses the state of art of bookmobile programs in the national and international scene, identifying three factors that have caused a renewed interest in bookmobile services: the development of a change in clientele, the possibility of adapting new technologies to bookmobile services, and finally, from the viewpoint of cost-benefit analysis, verifying that the cost of such services are justified in terms of effectiveness and, thus, compare favorably with other library services.*

### 3 Bibliografia

- 1 ALLOWAY, Catherine Suyak. On the road with online: the online bookmobile. **Wilson Library Bulletin**, New York, v.66, n.9, p.43-45, 140, May 1992.
- 2 \_\_\_\_\_.;ed. **The book stops here**: new directions in bookmobile. Metuchen:Scarecrow, 1990.
- 3 ANDROS, Peter J. Bullish in the bookmobile: the story of booklibrary service to Dow Jones & Company, Inc. **Wilson Library Bulletin**, New York, v.67, n.9, p.50-51, May 1993.
- 4 \_\_\_\_\_. The crash of the public's bookmobile. **Wilson Library Bulletin**, New York, v.67, n.1, p.48-49, Sept. 1992.
- 5 \_\_\_\_\_. I was a booklibrary outlaw. **Wilson Library Bulletin**, New York, v.66, n.9, p.48-49, May 1992.
- 6 BELL, Steven J. Online without the line: cellular technology for searching on the go. **Online**, Cobington, v.15, n.5, p.15-25, Sept. 1991.
- 7 BLACK T. Community coordinator program. In: NYREN, Dorothy, ed. **Community service**. Chicago: ALA, 1993. p.43-50.
- 8 CHANDLER, M. A. Changing library for a changing neighborhood. In: NYREN, Dorothy, ed. **Community service**. Chicago, ALA, 1973.
- 9 DUMONT, Lígia Maria Moreira. A ação do carro-biblioteca ou, o desafio de se incentivar o gosto pela leitura em comunidades de baixa renda. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.24-38, mar. 1990.
- 10 \_\_\_\_\_. Carro-biblioteca ou uma biblioteca sobre rodas. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, dez. 1982, p.10. Suplemento Pedagógico, n.66.
- 11 EASTWOOD, C. R. **Mobile libraries**: and other public library transport. London: Association of Assistant Librarian, 1967.

- 12 GORDAN, Lucy Latané. Bookmobiles: a finish success story. **Wilson Library Bulletin**, New York, v.66, n.9, p.29, May 1992.
- 13 LANNA, Rosa Maria de Sousa. **Extensão bibliotecária no contexto de um país de terceiro-mundo**: a caixa estante brasileira. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1985. (Dissertação - Mestrado).
- 14 PENNEL, Lois G. Bookmobiles. In: KENT, Allen, ed. & LANCOUR, Harold, ed. **Encyclopedia of library and information science**. New York: M. Dekker, 1970. v.3, p.1-57.
- 15 PHILIP, John J. The state of the art of bookmobile service. **Wilson Library Bulletin**, New York, v.66, n.9, p.31-34, May 1992.
- 16 POWELL, A. Ask the people - they know where it is. In: NYREN, Dorothy, ed. **Community service**. Chicago: ALA, 1973. p.39-42.
- 17 SILVA, Kátia Maria de Carvalho. Ativação cultural em bibliotecas no Estado da Bahia: pesquisa de novas técnicas de transferência da informação. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4, 1978 São Paulo; **Anais da...** São Paulo, FEBAB, 1978. v.2, p.690-692.
- 18 TOPPING, Russ. Add UPS (uninterruptible power supply) to your bookmobile services. **American Libraries**, Chicago, v.20, n.7, p.690-692, July-Aug. 1989.
- 19 VAVREK, Bernard. Asking the clients: results of a national bookmobile survey. **Wilson Library Bulletin**, New York, v.66, n.9, p.35-37, May 1992.